




---

**AS MARCAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA VIDA ADULTA FEMININA:  
RESSIGNIFICANDO CICATRIZES**

**Dra. Andréa Cristina Martelli**  0000-0003-2471-3999  
**Dra. Luana Pagano Peres Molina**  0000-0001-9903-6465  
**Eduarda Betim Lara**  0009-0004-7067-3312  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** Este artigo parte do pressuposto de que a violência, compreendida como violação da integridade humana, apresenta características profundas e duradouras. Entre as diversas formas de violência enfrentadas, especialmente pelas mulheres no Brasil, o abuso sexual se destaca por provocar consequências traumáticas ao longo da vida, refletidas em problemas psicológicos, isolamento social e dificuldades nas relações interpessoais. Trata-se de cicatrizes — visíveis e invisíveis — que acompanham as vítimas. Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar os impactos da violência sexual vivenciada na infância e/ou adolescência sobre a vida adulta de mulheres, com ênfase nas marcas deixadas por essas experiências. A pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico sobre o tema, entre os anos de 2016 a 2022, a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva. Constata-se a importância de pesquisas na área da educação a fim de fortalecer ações efetivas e preventivas na luta contra a violência sexual, de sensibilização e visibilização sobre a temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência Sexual; Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes; Impactos da Violência.

**THE SIGNS OF SEXUAL VIOLENCE IN ADULT FEMALE LIFE: RESIGNIFYING SCARS**

**ABSTRACT:** This article is based on the assumption that violence, understood as a violation of human integrity, has deep and lasting characteristics. Among the various forms of violence faced, especially by women in Brazil, sexual abuse stands out for causing traumatic consequences throughout life, reflected in psychological problems, social isolation and difficulties in interpersonal relationships. These are scars — visible and invisible — that accompany the victims. Given this scenario, this study aims to analyze the impacts of sexual violence experienced in childhood and/or adolescence on the adult life of women, with an emphasis on the marks left by these experiences. The research was based on a bibliographic survey on the subject, between 2016 and 2022, from a qualitative and descriptive approach. The importance of research in the area of education is evident in order to strengthen effective and preventive actions in the fight against sexual violence, and to raise awareness and visibility on the subject.

**KEYWORDS:** Sexual Violence; Sexual Abuse Against Children and Adolescents; Impacts of Violence.



## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de violência definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) emprega o uso intencional da força ou do poder, de forma efetiva ou como ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em lesões, morte, danos psicológicos, prejuízos ao desenvolvimento ou privações. O termo também pode ser compreendido como a submissão ou coerção de um ser humano contra sua vontade, caracterizando-se, portanto, como uma violação dos direitos humanos. Trata-se de um fenômeno complexo e transversal, que atinge indivíduos independentemente de classe social, faixa etária, orientação sexual, identidade de gênero ou demais marcadores sociais. No entanto, as mulheres figuram entre as principais vítimas desse tipo de violência. Dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), apontam um aumento de 22% no número de denúncias registradas pelos canais do Disque 100 entre os anos de 2023 e 2024, evidenciando a gravidade e a urgência de enfrentamento desse problema (Brasil, 2025).

No que se refere a violência sexual, a Organização Pan-Americana da Saúde – Opas (2025) a define como, diferentes atos sexuais, bem como a tentativa do mesmo sem a permissão do outro, empreendido de forma coercitiva (a força) por um outro indivíduo, independente da relação de parentesco com a vítima e do contexto. Segundo Souza (2023) em 2022, aproximadamente 30 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência sexual no Brasil. Os dados apontam que 41% dos casos foram relativos a cantadas desrespeitosas feitas em ambientes urbanos, 18,6% foram relatados no ambiente de trabalho e 12,8% no transporte público (assédio físico), segundo a pesquisa.

Vale ressaltar que nas últimas décadas, leis vêm sendo criadas visando ofertar uma maior proteção às mulheres. Todavia, o controle da violência contra a mulher é visto como um desafio, devido muitas desconhecer seus direitos (Agência Senado, 2024). Aspectos como a imunidade e a lentidão do atendimento, afetam tanto a proteção física quanto emocional. Somado a isso, a desigualdade social atenuada pelo medo gera maior



dificuldade, conseqüentemente, faz com as mesmas não denunciem as violências sofridas (Farias *et al.*, 2021).

O presente trabalho tem como objetivo analisar as conseqüências da violência sexual sofrida na infância e/ou adolescência na vida da mulher, levando em consideração as marcas da violência sexual que gera cicatrizes na vida adulta feminina. No que se refere a objetivos específicos, a pesquisa abrange: compreender o que é a violência sexual, investigar as causas e os fatores contribuintes para o fenômeno em estudo; conhecer as conseqüências da violência sexual na vida de mulheres adultas, que foram vítimas durante a infância e/ou adolescência, e identificar como as pesquisas do *corpus* de análise abordam as possibilidades de enfrentamento e as políticas de assistência às mulheres, vítimas de violência na infância/adolescência.

A partir do retratado, a justificativa da presente pesquisa está associada ao âmbito das pesquisas educacionais, que por sua vez permite a compreensão dos contextos, experiências e percepções dos indivíduos envolvidos. Investiga-se um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo dos significados, das motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

As pesquisas na área da educação sobre violência sexual são de fundamental importância, pois contribuem para dar visibilidade a um tema historicamente silenciado e cercado de tabus. Ao investigar e divulgar informações sobre a ocorrência, os impactos e os mecanismos de prevenção da violência sexual, essas pesquisas promovem a conscientização de educadores, alunos e toda a comunidade escolar. Além disso, fornecem subsídios para a criação de políticas públicas e práticas pedagógicas que protejam as vítimas, rompam ciclos de violência e incentivem uma cultura de respeito e diálogo. Dessa forma, o ambiente educacional se fortalece como um espaço seguro e transformador, essencial na luta contra esse tipo de violência.

## **2 ROMPENDO O SILÊNCIO: O ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA SEXUAL**

Por mais que a expressão violência atualmente tenha sido mais utilizada, o termo possui diferentes conotações no decorrer da história. Atualmente, a violência tem se



apresentado com diferentes definições, de acordo com o contexto histórico cultural e social (Custódio; De Lima, 2023). A violência presente no âmbito social, vem sendo apontada como um grave problema de saúde pública, impactando na saúde física e psicológica das mulheres violentadas (Pessoa, 2025).

A presente pesquisa tem como foco central a violência sexual, que segundo Silva (2021) é compreendida como qualquer forma de ação ou contato sexual forçado por uma ou mais pessoas adultas contra crianças e adolescentes, com o intuito de obter excitação sexual na vítima ou se auto satisfazer sexualmente. As crianças e adolescentes afetados por esse fenômeno, sempre são vítimas. Trata-se de uma violência que afeta a saúde física, social e mental das vítimas.

Nesse contexto, o Fundo das Nações Unidas Para a Infância – Unicef (2021, p.6) descreve o perfil das vítimas de violência sexual da seguinte forma:

A grande maioria das vítimas de violência sexual é menina – quase 80% do total. Para elas, um número muito alto dos casos envolve vítimas entre 10 e 14 anos de idade, sendo 13 anos a idade mais frequente. Para os meninos, os casos de violência sexual concentram-se especialmente entre 3 e 9 anos de idade.

A respeito dos perfis dos agressores, é possível considerar alguns traços recorrentes de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, publicado no ano de 2024. De acordo com o Fórum, em geral, os agressores que compõem a família da vítima na faixa etária de até 13 anos, representam aproximadamente 64% dos casos, e acima de 14 anos, 31,2%. No que se refere a parceiros íntimos, os registros apontam cerca de 28,1%. Os dados ainda retratam que aproximadamente 20,8 % dos casos de estupro são de indivíduos próximos ou ex-parceiros, sendo 14%. Somente 15,3% são referentes a estranhos. Em cerca de 93,8% dos casos, as denúncias de violência sexual que são registradas, denunciam familiares (FBSP, 2024).

Ainda segundo o estudo, o estupro (incluindo o estupro de vulnerável, que acontece quando a vítima é menor de 14 anos ou quando, sendo maior de 14 anos, não está em condições de consentir) cresceu cerca de 5,3% no período, vitimando pelo menos 72.454



mulheres e crianças do sexo feminino. De 2011 a 2023, os estupros cresceram cerca de 91,5%. De acordo com o FBSP (2024) 76,0% das vítimas eram vulneráveis, e 88,2% das vítimas pertenciam ao sexo feminino, sendo 52,2% negras. Sobre a faixa etária das vítimas, cerca de 61,6% tinham até 13 anos, 11,1% entre 0 e 5 anos, 18,0% tinham 5 e 9 anos, e 32,5% possuíam entre 10 e 13 anos.

A partir dos dados citados, observa-se que a maioria dos casos de violência/abuso sexual ocorre em ambientes domésticos, sendo que, de maneira recorrente, acontece na casa das próprias vítimas. Ademais, tais situações são causadas por indivíduos conhecidos pela família e responsáveis dos menores, revelando que existe uma certa negligência por parte da família ou das entidades responsáveis pelos cuidados, bem como proteção dessas crianças e adolescentes. A violência e o abuso sexual constituem fenômenos que se perpetuam em variados contextos, os quais são explorados na seção subsequente (Unicef, 2021).

Frequentemente, os agressores encontram-se no círculo social das vítimas, sendo indivíduos próximos e respeitados na comunidade, o que lhes proporciona uma camuflagem ideal. “72% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem na casa da vítima ou do agressor” (Heinen, 2020, p. 2). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), esse número corresponde a: homem (95,4%) e conhecido da vítima (82,5%), sendo que 40,8% eram pais ou padrastos; 37,2% irmãos, primos ou outro parente e 8,7% avós (Temer, 2022). Ademais, cerca de 76,5% dos estupros acontecem dentro de casa. Outro fator que tende a perpetuar o abuso e a violência sexual, é o silêncio da vítima, uma vez que elas sentem medo, desamparo e geralmente não possuem suporte para conversar sobre o que está ocorrendo. Crianças e adolescentes negligenciados, dificilmente, possuem atenção ou apoio de algum familiar, e geralmente se fecham a respeito de seus sentimentos, por conta da culpa e do medo.

A partir disso, foi identificado alguns fatores investigados que contribuem para um possível quadro de violência/abuso sexual. Dentre esses fatores, podemos evidenciar a culpabilização que essa vítima sofre, ocasionando seu silêncio, que potencializa sua culpa e seu sofrimento psíquico, e que a denúncia pode prejudicar a dinâmica familiar, ou que



será desacreditada, assim, muitas vezes, perdendo a coragem ou não sentindo-se acolhida e segura para falar sobre a situação; as adversidades das instituições escolares para falar sobre o assunto e sobre educação sexual, o que dificulta o combate a essa violência; o machismo estrutural, que permeia todos esses fatores e as relações sociais.

## 2.2 ALÉM DO MOMENTO, IMPACTOS PROLONGADOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL: VÍNCULO FAMILIAR E SOCIAL

O vínculo familiar e social tende a ser um determinante central, no que tange a violência sexual, apontado como um risco bem como uma proteção. Vale ressaltar que famílias que apresentam uma relação fragilizada marcada pela falta de suporte social em geral são mais propícias para casos de abuso devido à vulnerabilidade da vítima. Em contrapartida, famílias com relações mais solidárias, constituída por um ambiente saudável, enfrentam esses problemas de forma mais efetiva e por meio de denúncias quando preciso (Lima, 2019).

No cenário da violência/abuso sexual entre parentes, os infratores possuem certos traços, embora sejam sutis, o que pode ser identificado por estudo efetivado pelo Ministério dos direitos Humanos e da Cidadania (2021). Essas características podem englobar atitudes controladoras em relação às vítimas; abuso de substâncias, como álcool; imaturidade diante de situações cotidianas, atitudes egoístas e desestrutura emocional; apresenta dificuldade em manter relações saudáveis com outros indivíduos; quando enfrentam circunstâncias que atenuam algum confronto, geralmente se vitimizam e tentam manipular a situação.

## 2.3 CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS

Soares, Martelli e Garcia (2020) articulam que a violência sexual, que é predominantemente direcionada a indivíduos do gênero feminino, provoca uma vasta gama de impactos negativos para a saúde psicológica, social e física das vítimas. “Este tipo de violência causa sérias implicações para a saúde física e mental das vítimas, sabotando a



boa convivência familiar e impactando no seu desenvolvimento biopsicossocial, constituindo se em um grande desafio para os profissionais das áreas da saúde e da educação” (Monge, 2020, p. 110).

Quanto às consequências físicas da violência sexual, Soares, Martelli e Garcia (2020, p. 47) evidencia:

No que tange às consequências físicas, podemos começar destacando os danos causados na região genital. O trauma físico, nesse local, pode causar lesões à saúde das vítimas, como lacerações, equimoses (mancha na pele, de coloração variável, produzida por extravasamento de sangue) e edemas (acúmulo anormal de líquido que ocasiona um inchaço) que afetam os lábios menores da vulva, hímen e ânus. Além do mais, usualmente, essa violência expõe as pessoas ao risco de adquirir doenças/infecções sexualmente transmissíveis (IST/DST), como, por exemplo, a transmissão sexual do HIV.

Quanto aos possíveis indicadores psicológicos de abuso, Schaefer *et al* (2018) destacam que as vítimas podem manifestá-los de diversas formas, incluindo desenhos com conteúdo sexualizado, perturbações no sono e um medo evidente de homens. Crianças podem exibir comportamentos ou envolver-se em brincadeiras sexuais que são inapropriadas para a sua idade, além de demonstrar uma tendência à limpeza compulsiva ou à destruição simbólica repetida de imagens ou objetos que representam os pais.

Mediante a esse cenário é possível identificar sinais diversos em crianças que possuem idade entre sete e treze anos. Os indicativos psicológicos geralmente podem incluir: dificuldades em pegar no sono e perturbações noturnas; dificuldades escolares; mudanças bruscas de humor; ansiedade elevada; comportamento mentiroso e pouca comunicação com os responsáveis; carência emocional; baixa autoestima; furtos; tentativas de suicídio; e uma maturidade inesperada para a sua faixa etária (Aguiar; Ferreira, 2020). Esses menores podem, também, apresentar dificuldades em construir relações sociais e afetivas; abusar de substâncias ilícitas ou lícitas; exibir alguns comportamentos considerados promíscuos e praticar algum tipo de automutilação. Relacionados a esses indícios, as vítimas também podem apresentar sintomas de depressão, desenvolver fobias e distúrbios compulsivos; em casos extremos, até mesmo perpetuar o abuso. Segundo Lira



*et al.* (2017, p. 7). “Independentemente do número de episódios ou do tipo de abuso, as repercussões da experiência se potencializaram, acarretando sérios prejuízos emocionais, que passaram a integrar o cotidiano, levando-as a sofrimentos intensos”. Para Soares (2020) em geral as vítimas de violência sexual tendem a apresentar relações variadas no que se refere a temas associados à sexualidade, abrangendo todos os âmbitos.

Sob a ótica de Lira *et al.* (2017), a violência sexual além de provocar inúmeros problemas emocionais, gera dificuldade futuras as meninas e mulheres ao se envolver sexualmente com uma pessoa, dificultando formação de laços afetivos, condição essa que pode levar a mesma até mesmo à prostituição.

## 2.4 EFEITOS PSICOLÓGICOS A LONGO PRAZO

Difícilmente, as repercussões da violência sexual/abuso surgem de imediato, costumando aparecer ao longo do desenvolvimento da vítima, o que pode afetar negativamente sua saúde mental. Assim, Soares, Martelli e Garcia (2020, p. 52) declara:

Deparamo-nos com o desenvolvimento de transtornos alimentares decorrentes da ansiedade produzida pela violência sexual. A partir disso, podemos pensar ainda que essas mulheres se alimentam excessivamente ou evitam a alimentação numa tentativa não intencional de construir uma aparência que se distancie dos padrões de beleza impostos pela sociedade, para, por meio disso, não serem atacadas novamente, pois não teriam um “corpo desejado”.

Monge (2020) complementa que, a curto e a longo prazo o abuso sexual tende a provocar doenças psicológicas serias como é o caso da ansiedade, depressão e até mesmo o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), somado a isso provoca, fobias, dificuldade dormir, transtornos alimentares é até mesmo, automutilação e pensamento em tirar sua própria vida (suicídio).

Consequentemente, possíveis transtornos mentais que decorrem do trauma proveniente do fenômeno estão relacionados com a dificuldades do processamento do ocorrido, o que demanda uma atenção médica especializada em saúde mental. Mesmo que cada caso seja único e que o indivíduo lide de uma maneira com isso, existem pontos que se assemelham entre os casos, apontando sintomas parecidos.





## 2.5 ESTABELECENDO UM AMANHÃ MAIS SEGURO: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Primeiramente, podemos reconhecer que a violência sexual nem sempre pode ser prevenida. Diante dessa situação, devemos considerar possíveis formas de lidar com essa violência e oferecer suporte às vítimas.

Soares (2020) discorre que a assistência da família pode amenizar significativamente as repercussões dessas violências, visto que a atenção direcionada às crianças/adolescentes pode identificar possíveis situações vividas pelos menores. O suporte para a denúncia, após o ocorrido, e o amparo para lidar com as consequências físicas e emocionais, provindas do fenômeno, também podem ser suavizados com o envolvimento e apoio familiar. Segundo a autora, o suporte familiar constitui uma base fundamental para enfrentar essa violência. Lamentavelmente, nem todas as vítimas dispõem desse recurso (Soares, 2020).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um dos principais órgãos governamentais de proteção legal a menores no Brasil. Podemos destacar os Artigos 241-D e o Artigo 217-A, que determinam quais são as penalidades para transgressões de caráter sexual contra menores. O Artigo 241-D prevê a reclusão de um a três anos para sujeitos que praticam assédio, ou aliciam menores com intuídos sexuais, podendo caber multa dependendo da natureza do acontecido. Já o Artigo 217-A, determina pena de reclusão de oito a quinze anos para atos de estupro/atos libidinosos de vulneráveis menores de catorze anos. Ademais, as vítimas também contam com serviços que oferecem suporte emocional e psicológico, os quais podem ser providos pela rede particular, ou por meio de serviços disponíveis gratuitamente ofertados pela Secretaria Municipal da Saúde pelo SUS, reforçando, assim, a rede de amparo e assistência para as vítimas. Podemos destacar também o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que oferece apoio social em todos os municípios brasileiros, principalmente para vítimas de violência. Ademais, podemos citar o CRAS, que é uma instituição focada na prevenção de danos e violações dos direitos humanos, oferecendo orientação a respeito dos direitos legislativos para a população.



Alinhado a essas instituições, o CREAS lida diretamente com o combate ao caos de violações de direitos, principalmente abuso sexual, acompanhando e oferecendo suporte às vítimas e à família dos menores

A maneira mais eficaz de enfrentar a violência e o abuso sexual, com a possibilidade de diminuir os casos a longo e meio prazo, envolve a disseminação de informações de cunho científico a respeito do assunto, por meio da educação sexual<sup>1</sup>. Isso está alinhado com o que é evidenciado por Monge (2020, p.97):

Conversar com as crianças e adolescentes sobre a possibilidade de a violência sexual acontecer por parte de um parente ou alguém próximo da família, é a forma mais eficaz de prevenir a violência sexual e facilitar sua revelação. Muitas vítimas relatam que não tinham certeza sobre o que estava ocorrendo no momento da violência, que não sabiam que podiam pedir ajuda, mesmo sentindo que algo estava errado. É urgente que a educação sexual nas escolas seja uma prática que explique a diferença entre um toque carinhoso e um toque sexualizado, distinguindo as características das brincadeiras e das violências sexuais, advertindo nossas crianças e adolescentes para essas situações. Uma educação sexual que as empoderem para que se sintam seguras, revelam e denunciam violações sexuais de qualquer tipo.

De acordo com a MMFDH (2021), no caso de abuso sexual que começa na infância, é possível que a criança interprete inicialmente os atos como uma demonstração de afeto. No entanto, conforme cresce e adentra na adolescência ou mesmo na fase adulta, ela irá perceber o abuso sofrido e sentirá que houve uma traição da confiança depositada. Por essa razão, é crucial educá-las sobre seus corpos, esclarecendo o que é permitido ou não e quem tem ou não o direito de tocá-las, além de como isso deve ocorrer. Em sequência, Soares (2020, p.85) assevera:

A Educação Sexual permite que crianças e adolescentes se conheçam e conheçam os/as outros/as, construindo relações de respeito às diversidades. Rompe com estereótipos, imaginários, violências e preconceitos passados de geração a geração e reproduzidos de forma acrítica.

---

<sup>1</sup> A educação sexual mencionada na pesquisa refere-se à educação sexual emancipatória, contra-hegemônica e crítica. Este estudo está em congruência com tal teoria.



Para Monge (2020) a ausência de informações em relação a abusos sexuais ainda na infância corresponde a um aspecto de risco no que se refere ao crescimento dessa violência. Em muitos dos casos não há por parte da criança ou adolescente a percepção que está sendo vítima de abusos sexuais, fator esse que dificulta a realização de denúncias.

Uma vez que a educação sexual contra-hegemônica tem como objetivo conscientizar e educar a respeito do assunto, sua aplicação correta e com eficácia pode auxiliar a reduzir os números de abuso/ violência sexual, prevenindo possíveis ocorrências.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, em primeiro lugar foi definido o tipo de pesquisa, visando analisar as consequências da violência sexual sofrida na infância e/ou adolescência na vida da mulher, levando em consideração as marcas da violência sexual que gera cicatrizes na vida adulta feminina. Desse modo, foi utilizado a metodologia de pesquisa bibliográfica.

A seleção do material levou em consideração alguns critérios específicos, sendo eles: coerência com o objetivo central do estudo, importância metodológica e direcionamento a áreas do conhecimento, tais como: saúde, ciências sociais e psicologia.

A prévia leitura de títulos, bem como de resumos e sumários, foi crucial para estabelecer um filtro inicial e, conseqüentemente, promover a escolha apropriada de materiais que objetivaram atender aos objetivos da pesquisa.

O corpus de análise do projeto foi construído a partir de dissertações que foram obtidas por meio de pesquisas no portal de periódicos da Capes, utilizando o recorte temporal dos últimos sete anos (2016 – 2022). Essas dissertações foram selecionadas utilizando os critérios de filtragem específicos, sendo os temas principais da área do projeto: Educação, Saúde, Psicologia e Ciências Sociais. As palavras-chaves que utilizamos para encontrar os materiais variavam, sendo: violência sexual; violência contra menores; violência sexual contra crianças e adolescentes; abuso sexual; repercussões da violência sexual. As leituras dos títulos dos materiais, resumos e dos sumários foi uma etapa crucial



para auxiliar a escolha ou o descarte das dissertações que melhor se encaixavam nos critérios e objetivos da pesquisa. As pesquisas elencadas a partir dos critérios de corpo de análise são: "Abuso Sexual na Infância e Suas Repercussões na Vida Adulta", de autoria de Carvalho e Lira et al., datada de 2016; "Violência Sexual: Revelação, Prevenção e Redução de Danos na Adolescência", elaborada por Monge, A. B., em 2020; "Gêneros e Sexualidades: Em Tempos de (Re)existência", da autoria de Soares, A. S. F et al., no ano de 2020; "Vivência de Violência na Infância e Adolescência: Impacto na Personalidade e Reconhecimento de Emoções", redigida por Ferro, L. R. M, em 2021; "Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil", da autora ABREU, Laís Oliveira, 2020.

O estudo se baseou em leituras profundas e criteriosas dos materiais, tendo como foco entender os conteúdos e demonstrar com base em dados, os elementos cruciais para amparar as hipóteses bem como objetivos do estudo em questão.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados evidencia que a violência sexual vivenciada na infância e/ou adolescência provoca marcas significativas na vida adulta das mulheres. Por intermédio dos estudos analisados evidencia-se que os impactos da violência e do abuso sexual acompanham a vítima ao longo da vida, sendo um fenômeno profundo e que impacta, física, emocional e psicologicamente. Esses impactos envolvem ansiedade, depressão, entre outros distúrbios, bem como problemas físicos de saúde, a exemplo de perda ou ganho de peso. Frequentemente, as vítimas não recebem o suporte necessário e podem demorar muito para efetuar uma denúncia; às vezes, isso nunca acontece.

A violência sexual é um trauma que afeta não só as relações familiares como também profissionais e acadêmicos. Condição essa que propicia que a vítima passe a ter menos segurança em suas ações, somado ao medo de exposição resultando na desmotivação. As cicatrizes emocionais por sua vez não serão esquecidas mesmo que ocorra um tratamento (Voith, 2023).



Em relação às causas da violência, um dos principais pontos que faz com que o abuso continue é o silêncio das vítimas, associado a desinformação, medo dos agressores, a falta de confiança nas legislações em vigor, em especial devido muito dos casos se referirem à proximidade com o agressor. Informações essas que vão de acordo com um estudo que destaca que 76% das mulheres se sentem intimidadas em fazer denúncias devido a impunidade existente (Sousa, 2016). Nesse contexto a falta de políticas públicas consistentes somado a ausência de profissionais qualificados para o acolhimento colabora para que o fenômeno não seja visto com maior seriedade levando em conta sua importância.

Diante desse cenário, as informações encontradas evidenciam que a violência sexual (sendo ela na infância, adolescência ou fase adulta) corresponde a uma condição traumática que perdura por toda a vida do indivíduo, sendo maior parte do gênero feminino. O sofrimento por sua vez não se limita após o ato consumado, ao contrário, persegue a vítima provocando danos psicológicos, problemas emocionais e isolamento social. O abandono institucional é principalmente familiar e agrava esse contexto.

Dentre as abordagens para auxiliar vítimas de violência sexual, incluem-se: acesso à informação no âmbito educacional, suporte familiar, assistência de profissionais da saúde, especialmente da área de saúde mental. É crucial fornecer um ambiente acolhedor que minimize a culpabilização das vítimas, especialmente durante o processo de denúncia (Monge, 2020).

Evidencia-se que uma estratégia eficaz de redução de danos relacionados à violência sexual deve incluir o acolhimento e o incentivo à denúncia, assegurando que o processo não ocasione a revitimização durante a exposição do ocorrido. É crucial prestar um atendimento adequado e realizar investigações diligentes das denúncias, além de engajar as famílias na conversa sobre a essencialidade de salvaguardar crianças e adolescentes contra a violência sexual.

Portanto, é imprescindível compreender que o enfrentamento dessa violência é complexo, profundo e desafiador. Nem sempre, a violência sexual pode ser evitada, o que nos leva a ponderar possíveis maneiras de amparar as vítimas. Durante o trabalho foi



possível identificar o quão relevante é o papel da família para o suporte dos indivíduos que passaram pelo fenômeno, principalmente nos aspectos emocionais. Também, é necessário um ambiente acolhedor e desprovido de julgamento para que a vítima não se sinta culpada e reviva o trauma, especialmente no processo de denúncia (Soares; Martelli; Garcia, 2020).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é resultado de um esforço importante para compreender os efeitos duradouros da violência sexual sobre as mulheres. Tendo como objetivo analisar as consequências da violência sexual sofrida na infância e/ou adolescência na vida da mulher, levando em consideração as marcas da violência sexual que gera cicatrizes na vida adulta feminina.

As consequências psicológicas dominam e originam distúrbios, como depressão e ansiedade, que persistem durante anos. O estudo investigou domínios psicológicos e procurou expor o impacto da violência sexual, que ao longo do tempo pode se tornar um empecilho para que as vítimas possam ter uma vida considerada normal, construir relacionamentos, etc. Esse tema delicado foi abordado com cuidado e consideração. Tendo como parâmetro uma base teórica bem fundamentada.

A pesquisa foi iniciada pela ideia de superação das adversidades sociais enfrentadas pelas mulheres na sociedade, considerando que, uma das mais proeminentes dessas adversidades é a violência sexual. Tal realidade exige mais do que um interesse passageiro, requer um escrutínio minucioso e um compromisso de compreensão e transformação. Em particular, é preciso estar ciente de que todas as ações visam acabar com esse mal social. O processo de produção da pesquisa pode ser visto como uma luta: mas, em retrospectiva, foi uma jornada enriquecedora que nos permitiu adquirir conhecimentos valiosos sobre essa importante questão.

Com base no material encontrado, foi possível ter uma ideia de quanto o tema é relevante, e ao mesmo tempo ignorado por grande parte da população e poder público, por mais que existam leis, foi destacado que em muito dos casos, o medo, assim como a



impunidade faz com que vítimas de abuso não tenha coragem de denunciar agressões recebidas. Sendo um quadro preocupante que carece de apoio não só do estado, como legislador de leis, mas, principalmente da família devido à proximidade.

Conclui-se que, o presente estudo almeja contribuir como ferramenta de suporte às pesquisas na área e fortalecer as ações efetivas e preventivas na luta contra a violência sexual. Espera-se que essa análise ultrapasse a esfera acadêmica e alcance os órgãos das políticas públicas contribuindo para ações de acompanhamento e tratamento psicológico às vítimas da violência sexual, ressignificando assim as suas cicatrizes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos - ONDH. **Disque 100 registra 657,2 mil denúncias em 2024 e crescimento de 22,6% em relação a 2023**. Gov. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/disque-100-registra-657-2-mil-denuncias-em-2024-e-crescimento-de-22-6-em-relacao-a-2023>. Acesso em: 12 mai. 2025.

CUSTÓDIO, A. V.; DE LIMA, R. P. O contexto da violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)**, v. 11, n. 2, p. 48-72, 2023.

AGUIAR, D. E. V.; FERREIRA, C. A. L. Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: revisão integrativa de literatura. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 6, n. 2, p. 80-96, 2020.

FARIAS, A. B. *et al.* Violência doméstica contra a mulher: contribuições para ações assistenciais do enfermeiro. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 4, p. 49-56, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Forumseguranca. 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

Fundo das Nações Unidas Para a Infância – Unicef. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Unicef. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.



HEINEN, M. **Disque 100 registrou 17 mil ocorrências de violência contra crianças e adolescentes em 2019**. Agência Brasil. 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/it/node/1384032>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

LIMA, A. B. Dinâmica familiar e esquemas formados em adolescente vítima de violência sexual: um estudo de caso. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 8, n. 1, p. 17-27, 2019.

LIRA, M. O. de S. C. *et al.* **ABUSO SEXUAL EN LA INFANCIA Y SUS REPERCUSIONES EN LA VIDA ADULTA. Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, p. e0080016, 2017.

MONGE, A. B. **Violência Sexual: Revelação, Prevenção e Redução de Danos na Adolescência**. 2020. 137 f. Tese (Doutorado em Ciências) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. 1. ed. Genebra: [s. n.], 2002. 351 p. Disponível em:

<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

Organização Pan-Americana da Saúde – Opas. **Violência contra as mulheres**. Paho. 2025. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

PESSÔA, C. **Pesquisa aponta alta nos números de violência contra mulheres no país**. Agência Brasil. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2025-03/pesquisa-aponta-alta-nos-numeros-de-violencia-contra-mulheres-no-pais>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

SENADO. **DataSenado: 75% das brasileiras afirmam “conhecer pouco” sobre Lei Maria da Penha**. Leg. 2024. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/03/07/datasenado-75-das-brasileiras-afirmam-201cconhecer-pouco201d-sobre-lei-maria-da-penha#:~:text=%E2%80%9420A%20viol%C3%Aancia%20contra%20a%20mulher,as%20mulheres%20possam%20viver%20livres>. Acesso em: 12 mai. de 2025.

SILVA, L. C. T. da. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: o balanço da arte nos anais dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais de 2016 e 2019. 2021**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2021.





SOUZA, L. **Mais de 18 milhões de mulheres sofreram violência em 2022**. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-sofreram-violencia-em-2022> . Acesso em: 12 mai. 2025.

SOUZA, L. **Cerca de 70% dos brasileiros acreditam que impunidade perpetua violência sexual**. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/cerca-de-70-acreditam-que-impunidade-perpetua-violencia-sexual-no-brasil#:~:text=A%20impunidade%20%C3%A9%20o%20principal,divulgada%20pelo%20Instituto%20Patr%C3%ADcia%20Galv%C3%A3o.&text=%E2%80%9CO%20que%20impede%20a%20condena%C3%A7%C3%A3o,todo%20sistema%20de%20seguran%C3%A7a%20p%C3%ABlica> . Acesso em: 12 mai. 2025.

SOARES, A. S. F; MARTELLI, A. C.; GARCIA, D. A. **Gêneros e Sexualidades: Em Tempos de (Re)existência**. Pedro João Editores. 2020. Disponível em: Acesso em: 12 mai. 2025.

SCHAEFER, L. S. *et al.* Indicadores psicológicos e comportamentais na perícia do abuso sexual infantil. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 1467-1482, 2018.

TEMER, L. **Violência sexual infantil: os dados estão aqui, para quem quiser ver**. Forumseguranca. 2022. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver/> . Acesso em: 12 mai. 2025.

VOITH, L. **Por que adultos com traumas de infância são mais propensos a cometer violência doméstica**. Bbc. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckk5dz6k7e0o>. Acesso em: 12 mai. 2025.

Recebido em: 26-03-2025

Aceito em: 19-05-2025

